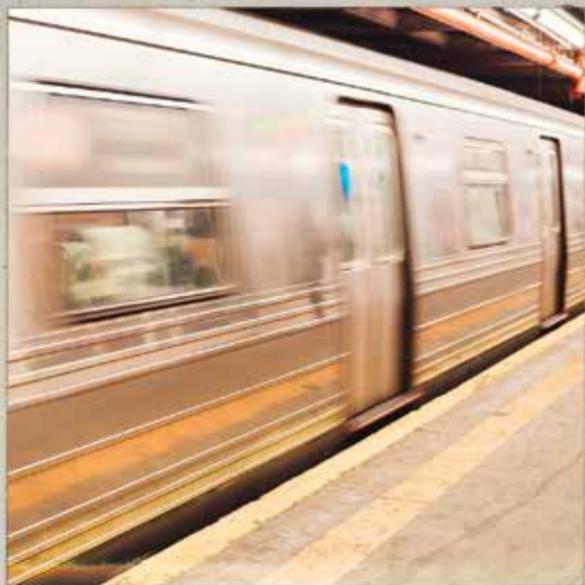


Victor Vasconcellos



Quatro dias
na vida de Joel

Manual do professor

tocalivros 



**Quatro dias
na vida de Joel**

Victor Vasconcellos

Quatro dias na vida de Joel

Manual do professor

São Paulo
1ª edição | 2021



© **Victor Vasconcellos, 2021**

© **Tocalivros, 2021**

Editores

Raquel Menezes, Evelyn Rocha, Luis Maffei

Revisão

Oficina Raquel

Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens

Leandro Collares

Imagens da capa

Polaroid Frame – Nathanael Arias; Flex Lines Backgrounds – GarryKillian;
Fotografia de capa – Freepik.com

Paratexto

Cristiane Madanêlo

Videotutorial:

Narração e roteiro

Mariana Vilhena

Material digital do professor:

Autoria

Cristiane Madanêlo

Produção

Raphael Azevedo Silva

Revisão

Mario Felix

Diagramação

Daniella Riet

DADOS INTERNACIONAIS PARA
CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Vasconcellos, Victor.

Quatro dias na vida de Joel : manual do professor
/ Victor Vasconcellos. – 1.ed. – São Paulo : Toca
livros, 2021.

188 p. ; 20,5

ISBN 978-65-88452-05-9

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD B869.3

CDU 821.134.3(81)-3

Biblioteca: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963



tocalivros

Av. Ordem e Progresso 115, sala 5
São Paulo CEP 01141-030

Caro leitor, cara leitora,

Em seu livro de estreia, o escritor Victor Vasconcellos, ao narrar as peripécias de Joel em seus embates internos e externos, traça um retrato dolorido e delicado da juventude. Entretanto, ler **Quatro dias na vida de Joel** não é uma experiência triste ou desagradável: isso porque sobrevém uma leveza inusitada da história, que acaba escorrendo por suas bordas. Esse fato advém de uma construção narrativa admirável, na qual sobrevém a ternura que o autor dedica às suas personagens. Essa mesma ternura acaba se espelhando na recepção da obra e vai daí que não será surpreendente se você, no decorrer da leitura, sentir uma imensa empatia por Joel em todos os seus revezes vividos.

Enquanto estiver lendo **Quatro dias na vida de Joel**, atente especialmente para a habilidade no tratamento que o autor dá às categorias narrativas de tempo e espaço. Embora, como o próprio título já anuncia, a história se passe num período temporal muito restrito, observe como essa categoria adquire um caráter muito mais amplo, principalmente em função da predominância do tempo psicológico no livro. Por outro lado, Joel, em apenas quatro dias, atravessa a cidade e descobre alguns de seus recônditos, ao mesmo tempo em que passa por um importante momento de autodescoberta na vida. O mundo da personagem se transforma a partir do mundo que encontra. Relacione esse fato com a imagem que domina a capa da obra. Que camadas de leitura podem advir

da figura do trem? Como o ambiente onde vivemos influencia a formação de nossa personalidade?

Acompanhar Joel em sua trajetória de quatro dias é não apenas se deliciar com o prazer de uma história bem contada, mas também refletir acerca de resiliência, coragem, amadurecimento e empatia. Vida, enfim.

Boa leitura!



Capítulo 1

Ao olhar para a pele que saía no canto de sua unha no dedo médio de sua mão, Joel tinha esperanças de que aquele seria o gatilho da dor procurada. Sabia que aquilo arderia um pouco mais tarde, no momento da esfoliação, no banho, e, por isso, se agarrou à ideia de que, então, sofreria e poderia superar a dor que ainda nem tinha vindo. Pegou o maço de cigarro que havia comprado e colocou o polegar em cima do B: “Maloro”, “mal”, “oro”, pensou em algum jogo de palavras que o acalmasse, mas nada veio. Tossiu mais uma vez, a quinta, e ainda estava em seu primeiro cigarro. Seu pai havia saído de casa e Joel sabia que alguma hora a dor sairia incontrolável. O grande problema: até ali, desde o dia anterior, Joel não sentia nada. Só o incômodo da fumaça do cigarro. Essa pele do canto da unha poderia ser a solução, se não fosse tão pequena e se ele já não tivesse 18 anos, idade suficiente para saber que nenhuma cutícula o salvaria da depressão, esse animal que o assustou durante toda a vida.

Levantou-se, foi até o fundo do bar, jogou o cotoco do cigarro no chão. Lavou a mão, sentiu a pele arder um pouco. Olhou os poros do rosto. Alguns pontos pretos. Não era bonito nem feio. Nem demasiadamente branco ou negro, rico ou pobre. Existia. Olhou para o ralo, viu um tufo de cabelo. Pensou imediatamente que aquilo era nojento e ridículo e pensou também que sua primeira noite de cigarro e bebida sofrendo, na verdade, era um evento patético num bar do Centro do Rio de Janeiro, um evento pago com dinheiro dado por ela e que sua dor mais profunda

tinha sido uma cutícula arrancada, que seu contato visual mais demorado, naquela noite, tinha sido com aquele tufo de cabelo asqueroso, e que seu pensamento mais profundo era de que existia. Cuspiu na pia e esperou o cuspe escorregar até o ralo e bater no tufo de cabelo. Era nojento mesmo e não sentia nada. Desistiu. Deu meia volta, olhou ao redor, viu duas mulheres altas e lindas, encarou com alguma esperança. Nada. Saiu do bar. Olhou em volta. Olhou para o céu. "Talvez a poesia me salve", pensou. Gostava das aulas de Literatura, quando havia só interpretação de textos legais. Os únicos versos que vieram foram os dois primeiros de "Há tempos", do Legião: "Parece cocaína,/ mas é só tristeza". Não havia nada. Lembrou que não conhecia nenhum poema, versos mínimos, de cabeça. Olhou para a ponta do sapato e chutou uma tampinha de cerveja para o meio da rua. O carro passou por cima e amassou a tampinha. Ouviu uma risada alta familiar. Olhou para trás e, na esquina depois dos arcos, viu a garota nova do 1º ano bêbada. Ela tinha chegado ontem e ficou rindo para todos. Não deu importância. Precisava sofrer, amplificar tudo para a dor passar. Na verdade, odiava ter que passar por isso, ainda mais em seu ano de ENEM. Por isso, era fundamental acelerar o processo de dor, para superar logo. Concentrar-se na sua escolha.

Andou até a esquina contrária ao riso. Aquele riso era irritante. Sacudiu sua cabeça e tentou se concentrar em sua cutícula. Era ridículo aumentar a dor a partir daí. O problema é que sabia que a dor viria. Desde o seu primeiro término de namoro, sabia que tinha que sofrer e, quanto antes sofresse, melhor. No ano de

seu vestibular era sacanagem. Entendia os motivos dele, é claro que entendia, ou queria entender. As coisas, em casa, estavam insuportáveis há, pelo menos, cinco anos, após outros cinco anos somente ruins. Ela não saía da cama, em alguns dias da semana. Não havia nada que seu pai fizesse ou propusesse: viagem, show, churrasco. Ela só respondia com a voz grave e o olhar perdido, algum muxoxo incompreensível que dizia tudo: não faríamos nada. Era impossível algo além do abandono, da partida dele. Era óbvio demais, mas no ano em que ele não fazia a menor ideia do que escolher, era difícil demais.

A voz estridente da Caloura novamente o irritou. Que insuportável era aquele grito no meio da solidão. Deu um pique e chegou à outra esquina. Viu um travesti e o mau humor diminuiu, se equiparou ao estranhamento. Pegou o celular para ver se alguma mensagem o salvava daquela solidão. Nada havia. Um nuvens baixas percorriam a Mem de Sá. Ele não estava à vontade ali, era a primeira vez. Decidiu voltar para casa. Sentou e resolveu esperar o ônibus. Aquelas duas doses estavam pesando um pouco em sua cabeça. Ele teria que voltar, entrar em casa e sentir aquele ar sombrio, aquele ar que drenava suas energias e o deixava incapaz de escolher qualquer caminho que não fosse a sobrevivência. Um casal bêbado discutia alto em uma rua deserta. A mulher gritava de maneira estridente e o homem só ria. Caos, mas algo que poderia muito bem ser a representação do ambiente de sua casa.

Viu seu veículo, levantou e estendeu o braço. Ele pesou, assim como pesou subir os degraus e olhar todos com cara de

zumbis. Mexeu no bolso e tirou as notas amassadas antes de o ônibus arrancar de modo assassino. Havia uma garota bonita ali. Encarou, mas não obteve resposta. O olhar dela estava perdido. O decote era chamativo, mas não havia chance de contato visual. Sentou em cima da roda e o primeiro buraco o fez pular. Não entendia por que sempre escolhia aquele lugar. Olhou pela janela e percebeu que já estava no Estácio! O motorista era mesmo um assassino, um psicopata que tinha que ser detido. O vermelho das paredes da escola de samba o lembraram sangue. Olhou novamente e viu um homem urinando na parede da escola, tossindo. Na praça, um cachorro corria até a esquina e voltava. Sentiu vontade de gritar “mijão”, mas um tranco do motorista louco o impediu e a sensação de nada o anestesiou. Viu então aqueles prédios antigos e pensou em quantos assassinatos já não tinham ocorrido ali. Rapidamente o ônibus chegou à Tijuca e ele viu as praças desertas e os meninos negros daquele lugar. Todo o ar fantasmagórico que aqueles garotos conferiam ao lugar o lembraram de sua própria solidão e de sua falta de escolhas. Já não teria dinheiro para fazer PUC, por exemplo. Precisava ver onde ele iria para planejar sua escolha. Se ele pudesse, faria Música e Design de jogos ou Desenho Industrial voltado para a computação. Pensou que Guitar Hero, na verdade, era o elo de suas duas profissões. Riu daquilo e lembrou-se de GTA V, Call of Duty, os tiros, ah, os tiros. Gostaria de, naquele momento, jogar videogame no telão do Maracanã ao seu lado. Essa ideia absurda o animou um pouco, até a parada brusca do ônibus assassino em frente ao sinal da Uerj. Lembrou, então,

que ali ficava a famosa Faculdade de Direito. Direito era o tipo de carreira boa apenas em tese. Pensava naqueles advogados de filme, tão articulados, espertos, confiantes. Olhou para a sola do seu sapato e percebeu que algum cachorro havia construído uma armadilha nas ruas da Lapa. Aquela imagem definitivamente acabou com as chances do Direito em sua vida. Além do mais, aquele prédio era feio, cinza, apesar de achar que aqueles bares em frente renderiam belas histórias, engraçadas como os casos do seu tio, que pegou geral na faculdade. A imagem de seu tio e de seu pai, juntamente com a visão da Mangueira, jogaram a consciência de Joel de volta para o pensamento de que aquela leveza era essencialmente enganosa. Havia, na partida de seu pai, pólvora capaz de fazer nascer dentro dele aquele demônio, o mesmo demônio que habita sua mãe. Tinha gostado daquela expressão que havia encontrado na internet quando pesquisara sobre depressão: "demônio do meio-dia". Odiava mesmo era o olhar da sua mãe e a sensação de que aquilo sugava as energias dele. Como ele iria, então, escolher a profissão de sua vida, se ele não tinha energia para sobreviver ao seu dia a dia de escola técnica? Já sabia que o técnico tinha ido para o saco. Não é que não gostasse de Matemática. Esse era inclusive um clichê falso. Matemática é, na verdade, a melhor parte de qualquer curso de exatas. Ela era previsível, óbvia e até divertida, quando minimamente entendida. O problema das ciências exatas sempre foi o dilema de como viver com isso por oito horas por dia. Não podia fazer medições, soldar fusíveis e planejar circuitos por, pelo menos, oito horas por dia e durante cinco dias na semana. Tempo

livre era uma variável importante. Como jogar o GTA X quando ele viesse? Como fazer a quantidade de sexo que ele com certeza faria aos 26 anos se trabalhasse durante oito horas por dia em uma profissão essencialmente masculina? Provavelmente ganharia algum dinheiro, mas sabia que estaria vendendo seu tempo. Lembrava-se sempre de uma frase de *Cidadão Kane*, aquele filme obrigatório para cinéfilos, porque espantava quem não fosse: "não é difícil ficar rico se esse é seu único objetivo na vida". O filme era chato, mas havia entendido desde então que a principal variável em jogo não era dinheiro. Era tempo.

A 24 de Maio estava escura como sempre, vazia como nunca. Parecia a versão suburbana de filme de velho oeste. Joel não gostava desses filmes, mas a imagem e a metáfora eram boas demais. O supermercado que havia ali estava fechado e com as portas completamente pichadas. Uma visão que logo se transformou em vulto com a gana homicida do motorista Taz-Mania. O viaduto próximo a Sampaio surgiu e logo dava para perceber que ali o perigo anda de mãos dadas com a normalidade. Três senhoras de aproximadamente 50 anos desciam o viaduto deserto e escuro rindo alto e de maneira despreocupada às 3h15 da madrugada de uma segunda! Como seria possível? Padaria! Joel sabia que aquelas mulheres deveriam trabalhar em alguma padaria para estarem saindo naquele momento. Enquanto a imagem de uma padaria genérica brilhava, o ônibus apostava corrida com o trem imaginário. Costear a linha do trem já conferia mais familiaridade aos olhos de Joel. Ele já não sentia mais o ar pesado de antes.

Graças à pressa diabólica do motorista, a sensação de pertencimento tinha chegado em poucos minutos. Isso o fez pensar em como o Rio de Janeiro não era de forma alguma a cidade do encontro. As diversas vezes em que a cidade falsamente o chamava para um lugar de sensações desconfortáveis eram a prova de que a cidade maravilhosa deveria ser conhecida como cidade armadilha. A 24 de Maio, a sua casa, a sala 5 do cinema de Botafogo na Rua Voluntários da Pátria e a praia de Ipanema eram seus quatro locais favoritos na cidade. Se bem que praia era discutível, talvez fosse só mais um clichê absorvido inconscientemente.

Ao subir a 24 de Maio na altura da Lins de Vasconcelos e pegar sua retenção onipresente, Joel percebeu o quanto estava cansado, o quanto seu corpo pesava e o quanto isso tudo iria acabar com sua disposição na aula de Geografia na manhã seguinte. Aquelas grades no muro, que serviam como fronteira entre a pequena calçada e a linha do trem, conferiam sensação de familiaridade. Ele gostava do som do trem. Gostava também de andar em trens. Era sempre um tipo de solidão agradável, assim como a do ônibus vazio sem engarrafamento. As luzes da estação tornavam aquela parte do Méier amarela e fizeram Joel lembrar o momento em que leu a mensagem de seu pai:

Meu filho, deu para mim. Estou saindo de casa e vou para algum lugar. Te ligo quando chegar. Você sabe que eu tentei de tudo. Segura as pontas por enquanto. Depois conversamos.

A mensagem fez também com que ele sentisse novamente aquele fosso dentro da barriga. O pai era a tábua de normalidade em sua casa. Não havia outra forma de lutar contra aquela areia movediça. Depois daquilo, saiu da praia e foi direto para casa. Olhando pela janela e vendo a apresentação feminina de Jongo do Leão, Joel se lembrou já, naquele dia, durante a tarde, da tentativa de desentocar a dor. Não podia perder tempo no ano. Essa era a única forma de poder escolher com a cabeça mais equilibrada. O problema é que de novo não sentia nada de dor, além do vazio aberto. Ao chegar em casa depois da praia, Joel se trancou no banheiro e ficou se olhando no espelho. Observou os poros de quem já teve muita espinha. Notou também as pálpebras levemente caídas e sentiu o resto de areia no pé. No ônibus, voltando para casa, na madrugada, já em frente às Lojas Americanas da Dias da Cruz, Joel se lembrou do banho naquela mesma tarde. Na decisão de começar a fumar. Imediatamente apertou o bolso e sentiu a presença de seu primeiro maço de cigarro. Não havia gostado propriamente do sabor, mas do movimento. Um cansaço incontrolável se abateu sobre seus ombros e Joel adormeceu por dois minutos.

Ao abrir os olhos, consultou o relógio do celular e percebeu que só teria três horas de sono quando chegasse em casa. Olhou pela janela e o ritmo suicida do motorista continuava. Pensou que aquela parte interna do Méier era desconhecida até para ele, que morava por ali desde que nascera. As casas eram bonitas, mas não sabia exatamente como sair dali sem ônibus. Pensava o mesmo sobre sua vida naquele momento. Sabia que a partida

de seu pai era uma possibilidade real. Na verdade, sabia que ela aconteceria de qualquer maneira, que sua mãe na verdade queria aquilo há anos, não era possível! Viu então a estação do Engenho de Dentro, enorme, escura, melancólica, pensou. Gostava de pensar nessa palavra. Ela parecia capaz de dar profundidade ao nada que sentia.

Levantou cambaleando. Puxou a corda. Desceu, sentindo seu joelho doer um pouco. Atravessou a rua e olhou o posto escuro. Lembrou quando tinha voltado de madrugada com Joana e a tinha encostado naquela parede do lava-rápido. Era uma cena excitante de se lembrar, mas foi muito sem graça quando vivida. Joana era bem sexy, mas sua postura muito ativa no flerte o incomodou e o tesão foi diminuindo. Olhou para a esquina e resolveu dar um pique para chegar logo em casa. Virou em sua rua e começou a olhar para as imperfeições da calçada enquanto corria. Queria ser engenheiro só por uma calçada melhor, mas fazer aquilo todo dia o aterrorizava. Avistou os arcos do Engenho. Gostava de lembrar que estava perto de muitos jogos de futebol. Gostava de seu portão e entrou devagar, para não fazer o portão ranger. Abriu a porta da frente e passou pela sala escura. Sentiu seu cansaço triplicar por causa da atmosfera da casa. Subiu as escadas de dois em dois e chegou em seu quarto. Tirou a roupa rapidamente, ficou só de cueca e foi tomar um copo de água antes de desabar. Passou pelo corredor e ouviu uma voz: "Joel?". Aquele som arrastado e tedioso arrebatou a represa interna de ódio que Joel tinha dentro de si. Respondeu com uma voz rancorosa: "Arrã!". Não houve resposta. Joel então pensou que talvez

ela estivesse indisposta. Pensou também que os comprimidos estavam acabando. Pensou por último que infelizmente depressão não mata. Lembrou de quando viu *Fargo* em uma sessão especial e desejou um machado. Besteira. Queria apenas dormir, fazer o tempo passar, escolher uma profissão e fugir dali.

Capítulo 2

Depois de ter acordado atrasado, ter perdido os dois primeiros tempos de Geografia e de sentir tudo doer no corpo, Joel entrou em sala, encaminhou-se para o lado oposto ao da porta e colocou sua leve mochila em cima da mesa. Procurou Leo e tomou um susto com os braços grandes em seu pescoço.

– Rapaz, sua cara está péssima. Por que tu não me atendeu?

– Eu já te falei 300 vezes que estou sem internet fora de casa e, mesmo que tivesse algo, ontem eu não estava a fim de ver esses cornos horrorosos.

– Que delícia, Manolo. O que houve?

– Meu pai finalmente saiu de casa, minha mãe está na mesma e eu ainda não tenho a menor ideia do que eu faço da vida.

– Cara, você tem que aprender com o mestre: um problema de cada vez.

O professor de Matemática entrou com o passo rápido em sala, deixou sua pasta em cima da mesa, desculpou-se pelo atraso e foi direto para o quadro. Após recomeçar a matéria de funções com uma introdução rápida, o professor passou quatro exercícios de construção de gráficos e se sentou para corrigir os testes que havia aplicado na semana passada. Joel percebeu

que seria daquelas aulas em que o professor olha para o relógio mais do que o aluno e decidiu acabar logo o exercício para voltar a olhar o cabelo gosmento de Leo, porque, naquele dia, parecia que ele estava de bom humor. Desenhou os quatro gráficos com certa facilidade e percebeu que o professor nem tinha se dado ao trabalho de elaborar melhor o exercício. Aquilo o irritou um pouco, mas resolveu também não perder tempo e se virou:

– Fala, mongoloide.

– Rapaz, sabe a Caloura, aquela que chegou há pouco tempo? Então, ontem barbarizou na Lapa com o Nelsinho. Ele diz que fez um estrago.

– Eu a vi. Fui lá ontem. Nem reparei no Nelsinho.

– Tu foi lá ontem? Com quem, Manolo?

– Só para lembrar que Manolo é o filho da sua avó com o seu pai. Fui sozinho para não ter que ouvir “Manolo” a noite inteira.

– Você está uma delícia de amizade hoje, hein? Mas Nelsinho ficou fascinado com o corpo dela. Ele falou disso durante meia hora hoje.

Imediatamente Joel lembrou que os dois últimos tempos eram de Educação Física, que era realizada em conjunto com os alunos do 1º ano. Lembrou dos micro-shorts das meninas e ficou quase ansioso para analisar a Caloura. Olhou para o professor e reparou que agora ele estava lendo *Marley e eu*. Achou a cena patética demais e decidiu que professor ele não seria, e professor de Matemática nem se pagassem. Voltou a olhar para Leo e teve quase raiva da leveza de seu semblante. Com uma vida tranquila, com pais relativamente atenciosos e presentes, tudo

parecia mais fácil para o amigo, que não tinha grandes questões: acordava com facilidade e dormia do mesmo jeito. Pensou, então, que era pelo tipo de sono que seria possível definir o nível de problemas das pessoas.

– Cara, Nelsinho também tem uma boca de caçapa do demônio. Fala demais. É um arroz de festa que valoriza demais quando simplesmente encosta em alguém.

– Manolo, você tá a fina flor da agressividade. Metáfora debochada com amigo era o que faltava. Estou orgulhoso.

– Exagerei. Mas esse cara é um otário.

– É. O vídeo que ele vazou da Sofia foi ridículo.

– Ela deu mole, mas ele foi um mega otário na situação. Gravou ainda só a calcinha. Muito arroz.

– É. Agora, essa Caloura tem que saber desse nível atômico de otarisse...

O professor, de repente, levantou-se para corrigir o exercício. Pegou um giz branco e dois esquadros e rabiscou quatro gráficos no outro lado do quadro. Joel reparou a chave balançando no cinto do professor, reparou também que a mancha de suor nas costas da camisa era nojenta, mas pensou que pelo menos ele trabalhava, vivia e tinha uma família, provavelmente. Direcionou o olhar para a mão esquerda dele que estava colada ao quadro, apoiando o esquadro. Observou a aliança de prata e pensou como seria a vida daquele professor. Pensou que, depois das aulas do turno da manhã, ele chegaria em casa, tomaria um banho e tiraria um cochilo. Depois se levantaria, leria um trecho de *Marley e eu*. Brincaria rapidamente com seu cachorro, aquele que achara na rua uma vez.

Depois sairia para pegar seu filho em sua escola-cursinho, afinal o garoto tinha que se tornar um médico, engenheiro, advogado. Chegaria em casa, jantaria com a mulher e depois dormiriam. Joel pensava que aquela vida era completamente diferente da sua, mas sentiu a prisão dessa rotina sem história. Poderia ser o cotidiano de um homem de 30 ou de 60 anos. Pensou que seu professor de Matemática poderia ter 30 ou 60 anos. Essa vida sem diferença o assustava. Ela poderia ser comparada à depressão de sua mãe. Um cotidiano que suga energias, sem grandes realizações, sempre o desejo daquilo que não se tem. E novamente a dúvida da profissão o afligiu. Como escapar disso? Como afinal viver algo que o faça ser diferente daquilo que ele já tem?

O sinal soou e a turma se levantou imediatamente. Joel lentamente, sem nenhuma pressa, recolheu seu caderno, seu lápis preto e seu estojo, desamarrou a corda que fechava sua mochila e mais calmamente ainda voltou a puxar a corda para fechar sua mochila. Parou e olhou pela janela um instante. A sensação real de que ele não tinha saída mais uma vez tomou conta de todo o seu corpo. Os joelhos doeram. Virou para a porta e viu Leo esperando.

– Não tem pressa não, Manolo. Você tem a vida toda ainda para chegar nas quadras.

– Cara, agora que eu estou reparando. Seu cabelo está ridículo. Parece uma peruca. Você não tem vergonha?

– Rapaz, a imensa inveja que você tem da minha vitrine, do meu talento natural, que é a minha beleza, é impressionante.

– Meu Deus do céu! Tua mãe te ama muito mesmo.

Joel então percebeu que, após essa fala, Leo olhou sem graça. Percebendo a compaixão, Joel se irritou e se fechou. Não havia nada dito explicitamente, porém não havia mais nada a se dizer. Os dois foram andando em silêncio pelo corredor até a escada. O prédio do colégio era muito extenso e alto. A parte de Educação Física era relativamente distante da sala de aula. Joel começou a observar as árvores esparsas do prédio. Notou como elas eram grandes e velhas. Pensou que aquilo tudo era antigo. Pensou em quantas pessoas já não tinham sentado naqueles bancos. Olhou para o lado e observou Leo acenando para um grupo de amigas. Gostou, então, daquela sensação.

Ao entrar no vestiário, pegou sua bermuda, que estava amassada e ainda úmida, retirou sua calça e vestiu tudo olhando para a parede. Depois saiu olhando de relance os corpos nus de seus amigos. Entrou na quadra e olhou as meninas do 1º ano. Umhas mais bonitas do que as outras, tudo normal, pensou. Lembrou-se da Caloura, das observações de Nelsinho que chegaram ao ouvido de Leo. Procurou a menina rapidamente, porque adorava o uniforme feminino de Educação Física do colégio. Não a viu imediatamente. Sentou na arquibancada para amarrar os sapatos e ficou olhando o teto todo furado da quadra. Olhou para o portão de entrada e viu a Caloura entrando. Para sua surpresa, ela estava com uma calça de malha larga e estranha. Nunca tinha visto algo parecido em seus três anos de colégio. O shortinho era lei e deveria ser respeitado. Quando alcançou o rosto da Caloura, reparou que ela estava olhando diretamente para ele com um olhar gélido. Ele automaticamente desviou os olhos para um ponto fixo

na tabela de basquete. Essa necessidade de desvio o irritou muito. Não gostava de ficar em uma situação tão desconfortável de maneira repentina. Apertou os dentes de raiva e resolveu dar um pique até Leo, que estava se alongando na outra extremidade da quadra e conversando com Neto e Teo.

– Manolo, você está vermelho. Estava falando aqui com nosso querido e feio amigo Neto sobre a perturbação da ordem que essa calça horrorosa da Caloura está provocando.

– Uma lástima. Depois de toda a propaganda de Nelsinho, essa decepção. – confirmou Neto com aquele ar debochado que irritava.

Nesse mesmo momento, Joel se sentiu um imbecil. Todo mundo estava esperando pela mesma coisa. Todos os caras do terceiro ano queriam ver a Caloura de shortinho em seu primeiro dia de Educação Física. Pensou imediatamente o quanto era previsível e comum. Talvez seu destino fosse lecionar mesmo. O professor apitou e disse para todos correrem em volta da quadra. Joel tinha preguiça de começar a correr, mas, quando o exercício já estava acontecendo, a adrenalina de piques alucinadamente rápidos o agradava. Ele amava ver a quadra girando. Poderia não pensar em nada ou pensar em tudo enquanto acelerava. Em um momento percebeu um vulto rápido vindo em sua direção e se jogou para o lado para não esbarrar. Não tinha percebido que o professor havia dado ordens diferentes para as meninas. Elas deveriam correr na direção contrária à dos meninos. Era um tipo de exercício de coordenação, ele achava. Voltou a correr e a olhar as meninas de sua turma e do primeiro ano de frente agora. Viu

Martinha e seu lindo cabelo negro, Joana com suas pernas bem torneadas e, então, pensou que talvez sua vida fosse até boa, porque já tinha conseguido acariciar aquelas pernas. Olhou e se fixou na Caloura. Ela estava concentrada e, pela primeira vez, Joel percebeu que ela tinha olhos completamente escuros. Era mais baixa do que ele, mas era também mais curvilínea. De repente ela olhou para uma amiga ao lado e começou a rir, a mesma risada irritante que havia abalado Joel na noite anterior.

O professor parou o exercício e deu uma bola para as meninas jogarem vôlei e uma para os garotos jogarem futebol. Elas começaram a sair da quadra coberta para a rede de vôlei que ficava na parte externa do espaço de Educação Física. Joel, percebendo a oportunidade, foi direto para o monte de coletes que ali estavam e pegou o seu azul. Procurou a bola e a viu nas mãos do professor enquanto ele conversava com a Caloura.

– Mas as minhas instruções foram bastante claras.

– Mas eu não estou dizendo que suas instruções foram obscuras. Estou dizendo que elas foram estúpidas.

– Oi?! Você perdeu a noção da realidade? Está maluca?

– Não. Por isso, pedi para jogar futebol e não vôlei. Qual o problema?

– Você chamou minhas instruções de estúpidas depois de eu falar tranquilamente com você. Não tem conversa depois dessa grosseria. Vai para o vestiário agora trocar de roupa, que eu vou resolver isso com você.

Joel percebeu, então, que o olhar da Caloura foi de um ódio profundo, quase homicida. Porém, ela deu meia volta e saiu

andando devagar até o vestiário. Então, a quadra toda ouviu um estrondo. Ela havia batido violentamente a porta. Joel olhou para o professor e achou que ele iria correr até lá para uma nova discussão. Não foi o que aconteceu. Provavelmente, por ser novo, ele não quis aumentar o problema que já estava ocorrendo. Ao começar o jogo, Joel fez o que melhor sabia fazer na Educação Física. Correu muito. Deslocou-se pela quadra inteira, errou diversos passes, deu dois chutes para fora e fez um gol na sobra de uma bola. Nada demais. Seu time perdeu por 5x2 e teve que dar lugar para o time de fora. Sentou na arquibancada completamente suado. Aquela correria fazia bem a ele. Podia esvaziar a cabeça. Em alguns momentos, acreditava que um dos seus grandes problemas era pensar demais. Conseguiu ver quando a Caloura saiu do vestiário vestida com sua calça jeans rasgada na altura do joelho e o professor começou a acompanhá-la provavelmente até o setor pedagógico. Aquilo causou um pequeno mal estar em Joel. Sabia que ela deveria estar se sentindo envergonhada e provavelmente arrependida. Tinha sido muito explosivo falar com o professor daquele jeito na frente de todos. Agora ela talvez ganhasse uma suspensão no seu primeiro mês de aula, por causa do temperamento incontrolável. Perceber essas contradições na psicologia da Caloura fez com que Joel tivesse uma ideia sobre sua profissão. Ele poderia ser psicólogo. Isso, com certeza, seria muito útil em toda a sua vida. Ele já tinha um conhecimento prático com sua mãe deprimida. Ao mesmo tempo, isso o ajudaria a afastar seus próprios demônios, sua melancolia, a possibilidade de ficar igual a ela. Ele ainda teria

o seu tão querido tempo com a possibilidade de deixar dias da semana livres para qualquer coisa. Essa ideia deu a ele um leve sopro de conforto. Na última partida, Joel já estava cansado e não queria mais correr tanto. Estava quase ansioso para chegar em casa e pesquisar um pouco sobre sua provável profissão e isso o desconcentrou. O time agora perdeu por 6x0, um senhor vexame, mas que em nada interferiu na autoestima de seus jogadores, que já estavam grandes o suficiente para não se importarem com a Educação Física. Foi com todos para o chuveiro e gostou da água gelada batendo em suas costas enquanto ele pulava loucamente para se aquecer um pouco.

Depois de se vestir, arrumou a mochila e foi correndo para o ponto de ônibus. Pegou o de sempre, junto com uma grande quantidade de alunos e subiu primeiro, porque tinha o dom sobrenatural de saber onde o ônibus iria parar no ponto. Pena que não dava para fazer muito com aquilo. Sentou-se na última cadeira para tentar ficar sozinho. Foi fazendo as contas de quem entrava e rezou muito para ninguém sentar ao seu lado. Os minutos foram passando e a tensão aumentando. Seriam 40 minutos de trajeto, a diferença entre uma perna o imprensando e uma boa dose de reflexão sobre sua nova opção de carreira. Aos poucos, escasseavam as pessoas que subiam no ônibus. Tinha escolhido o lugar correto. Quase ninguém ia para o final do carro, porque a traseira balançava muito. Sabia que o ponto do colégio era o decisivo. Faltavam apenas duas pessoas. Elas entraram e preferiram ficar em pé. Um misto de alívio e alegria tomou conta de Joel. Poderia sonhar com um consultório de psicologia.

O ônibus fechou a porta, começou um movimento quando se ouviu um estridente grito de "espera!". Naquele momento, Joel sabia que tinha se dado mal. Reconheceu a voz e o rosto diante do trocador. A Caloura foi andando e vagorosamente sentou ao seu lado na traseira do ônibus. Uma inicial fúria e uma posterior náusea invadiram Joel. Não acreditava naquilo! Aquela voz estridente agora era uma presença física que o apertava. Não lembrava de sentir um mau humor tão profundo. Resolveu segurar no suporte da cadeira em frente e se concentrar na nuca do outro passageiro. Essa concentração durou cinco minutos. De repente sentiu um cutucão em sua perna. Voltou para o lado.

– Menino atento, você poderia fechar as pernas só um pouco para eu poder me acomodar melhor?

– Uhum.

Joel voltou-se agora para a janela, mas ficou intrigado. Por que menino atento? Que garota esquisita. Meu Deus do céu. O mau humor aumentou uns 5%. Ficou remoendo aquela expressão. Passou pelo Maracanã e decidiu pensar no Flamengo. Não conseguiu. O timbre da voz e tom levemente sarcástico o estavam alfinetando. Abriu um pouco mais a perna em função disso. Mexeu nos cabelos, perdeu a concentração de vez e emendou:

– Por que menino atento?

– Deixa pra lá. Foi uma brincadeira. Vocês ficaram todos muito atentos quando o professor estava sendo meio babaca comigo.

– Ele não foi babaca. Você é que foi sem noção. – Joel retrucou. Não acreditava que ela não tinha feito autocrítica. Ela realmente pensava que a culpa era do professor. Desequilibrada.

– Sim. Claro. Que surpresa você pensar isso, menino atento.

– Garota, para de palhaçada. Como você chama o professor de estúpido na frente de toda a turma e acha que ele vai ficar quieto?! Você tem problemas?

– Cara, vocês são realmente incríveis. Você acha natural ele dividir a turma entre meninos e meninas e pedir para as meninas jogarem vôlei enquanto vocês jogam futebol?

– Nada demais. Os professores fazem isso porque está no programa. Metade da aula de exercícios psicomotores e a outra metade de execução de alguma modalidade.

– Entendo. Você é uma gracinha, mas nem percebe que é machista.

Essa acusação pegou Joel desprevenido. O que era mau humor logo virou fúria. Mas ele se conteve para não xingá-la. Percebeu o jogo psicológico dela, percebeu a manipulação e resolveu ganhá-la nisso. Estava acostumado com esse tipo de situação ridícula.

– Vocês feminazi são uma graça. Tudo agora é machismo. Você xinga os outros e isso é culpa do machismo. Um pouco de responsabilidade individual é importante na vida.

– Feminazi! Que palavra nova. Temos aqui um menino de rede social. Você é uma graça mesmo. Obrigado por confirmar seu machismo, menino. Achei que poderia estar sendo injusta com você.

– Machismo? Então me explica...

– Vou te dar um exemplo, então. Sabe quando os meninos ficam conversando sobre o corpo das mulheres, porque um fez propaganda? As meninas percebem isso, porque eles olham diretamente para o corpo delas.

Joel imediatamente sentiu a pele do rosto esquentar. Aquela resposta baixou seu nível de energia e de intensidade na briga. Percebeu que a oponente era melhor do que ele tinha achado em princípio. Ainda com a face vermelha, teve que ouvir a continuação do argumento.

– Isso é transformar a mulher em objeto, algo a ser apreciado. Isso é um exemplo de machismo. Outro é me colocar para jogar vôlei, enquanto eu queria jogar futebol.

– Então você está me dizendo que se você me chamar de bonitinho isso é opressão? Você estaria me objetificando...

– É mais complicado do que isso, menino atento...

– Claro, né. É sempre assim. Sempre que vocês ficam sem argumento a coisa é mais complicada.

– Você fica uma graça vermelho, mas fica meio babaca confiante. Vou ter que achar algo para te envergonhar para você ser tolerável.

– Você é muito agressiva.

– Menino, tenho que descer agora, porque moro aqui. Um abraço e veja *Foi apenas um sonho*.

– O que é isso?

– Um filme.

– Só mais uma pergunta. Você queria realmente jogar futebol com a gente?

– Claro que não!

Após essa resposta rápida, a Caloura deu um rápido pique e desceu do ônibus. Essa última resposta deixou Joel mais confuso. Que ela era meio desequilibrada Joel não tinha dúvidas, mas ele queria entender o motivo de ela realizar essa confusão com o professor. Por que ela pediu algo que não gostaria de fazer? Era o princípio? Ela era uma grande feminista em busca da igualdade em tudo, ou era só necessidade de atenção? Uma hipótese forte apareceu. Pelo diálogo, dava para perceber que ela já sabia que o Nelsinho tinha contado o encontro da noite anterior. Estava com certeza irritada e não conseguiu se controlar. Ou simplesmente quis aparecer para todo mundo. Porém, o tom simpático durante essa breve conversa o intrigava. Ele nunca tinha sido ofendido com tamanho carinho. Ele começou a imaginar a Caloura chegando em casa e chorando de raiva pensando no que Nelsinho tinha dito. Essa imagem, porém, não condizia com o que ele tinha acabado de presenciar. Ele estava muito confuso com aquilo. Ainda havia aquela indicação de filme. Pareceu que ela sabia de uma de suas paixões. Mexeu no bolso da frente da sua mochila. Pegou o celular, escolheu a pasta da Nação Zumbi com o polegar e começou a ouvir “O bico do beija-flor beija a flor, beija a flor” e aquilo o acalmou. Resolveu, quando já estava na Dias da Cruz, não parar em casa. O plano da Psicologia tinha naufragado por causa desse nó que acabara de tomar, ou, no mínimo, tinha ficado para depois. Para chegar em casa, teria que lidar com a mãe,

e a conversa com a Caloura já tinha conferido loucura demais àquele dia. Resolveu permanecer no ônibus e ir até Água Santa. Lá, na rua 2 de Fevereiro, havia uma quadra, na subida do morro. Essa quadra tinha sido muito frequentada por Joel e seu pai durante parte de sua pré-adolescência. Ele gostava de dar uns chutes na bola enquanto seu pai agarrava. Joel jogava com os filhos de amigos de seu pai, que crescera por ali. Aquela quadra poderia dar o conforto de que Joel precisava agora. O momento nostalgia traria boas lembranças e um equilíbrio depois daquela conversa estranha com a Caloura.

Permaneceu no ônibus e começou a observar a fiação elétrica da rua ficar mais complexa. Talvez essa fosse a grande diferença entre o Engenho de Dentro e a Água Santa. Os fios emaranhados no segundo bairro não apareciam no primeiro. Joel observava isso e notava as pessoas passando na rua com sacolas de supermercado, sem grandes obsessões. A ideia de fazer Psicologia agora já lhe parecia algo pálido. Menos de duas horas depois, ele já tinha mudado de ideia. Era impressionante como isso acontecia com frequência. Ele queria fazer algo que lhe fornecesse o sustento, mas era preciso o tempo e o encaixe. Esse encaixe, essa sensação de "É isso!" nunca durou mais de um dia. Para os tios distantes que perguntavam, ele dizia Desenho Industrial. Essa era uma opção nem tão comercial, nem tão utópica. Isso acalmava as feras. Mas, na verdade, tinha desistido dessa ideia há um ano pelo menos. A sensação de encaixe tinha acabado. Ele sabia que precisava encontrar esse sentimento de comunhão perfeita. O problema é que agora tudo parecia mais difícil.

Com a ida de seu pai para outra cidade, ele não sabia, por exemplo, se teria as condições emocionais ideais para enfrentar esse questionamento. Poderia fazer o ENEM e deixar para escolher na hora, dependendo da nota de corte, a fim de fazer qualquer coisa e fugir dali. Essa era de verdade uma opção. Poderia não ter que morar com sua mãe. Ela teria que viver com a tia Nanda. Seria uma boa solução, porque ele poderia aproveitar sua faculdade com a liberdade necessária e sua tia daria todo o suporte. Tia Nanda e sua mãe não se davam particularmente bem, mas a necessidade seria capaz de unir famílias. Essa ideia de fuga o animou novamente. Sentiu como se estivesse encontrando o caminho, o encaixe, agora não na profissão correta, mas na situação perfeita. Poderia ir para o Nordeste. Lembrou de uma praia linda que tinha visto em um site de viagens em Natal. Dizem que as nordestinas amam os cariocas. Seria muito bom. A profissão ele poderia mudar depois, ora. Isso não acontecia com frequência no caso dos adultos? Essa ideia cresceu em seu interior. Poderia escapar da draga de energias em sua casa e, ao mesmo tempo, viver o sonho de uma vida nova onde seria muito valorizado. Sorriu com a cabeça encostada na janela do ônibus. Viu seu reflexo e lembrou-se de que tinha que descer no ponto da quadra. Estava quase em cima.

Desligou o som do celular, pegou a mochila, ajustou o cinto, puxou a corda e correu para descer. Agradeceu ao motorista e notou o poste na sua frente quebrado, caído de lado. Provavelmente algum carro havia batido ali. Andou um pouco mais. Havia uns dois anos que não ia ali. O bairro agora lhe pareceu muito mais

sujo. Muitos sacos de lixo jogados e abertos no meio da rua. Os portões eram antigos e pouco pintados. Foi chegando perto da quadra e sentiu uma presença maior de pessoas negras na rua. Curiosamente tinha convivido na sua infância com os amigos do seu pai, mas só agora sentia esse deslocamento com relação à etnia. Sentiu saudades da facilidade da vida da infância e do sentimento de conforto. O cenário confuso fez com que ele se lembrasse da aula sobre a Guerra Civil espanhola. Lembrou de um quadro muito estranho do Picasso, nome engraçado. As gravuras eram confusas, havia um cavalo, um touro, todos com as feições de sofrimento. Havia um bebê morto. Aquilo deu a ele um calafrio. Andou um pouco mais e viu uma aglomeração. Entrou em uma pequena abertura entre as pessoas e viu um rapaz de joelhos aos prantos. Gostava dessa palavra: "prantos". Choro não dava conta do que ele estava vendo. O rapaz chorava muito. Joel esticou um pouco a cabeça e viu a cachorra nas mãos dele. Ouvia só uns gemidos: "Ela foi atropelada, não consegue mais ficar em pé". Estava morta. Aquela cena o entristeceu. Percebeu que tinha que sair dali urgentemente. Correu por 20 metros e chegou à quadra. Ainda com o peito pesado pela visão anterior, percebeu que seis meninos negros estavam jogando futebol em dois times de três. Observou que eles eram bons. Colocou sua mochila de lado e sentou no banco que havia ao lado da quadra. Respirou fundo três vezes e procurou a nostalgia para confortá-lo. Lembrou-se de seu pai e de suas corridas, de seus gols, dos abraços depois dos gols. Tentou sentir a saudade que conforta, mas só viu o seu peso no peito aumentar, sua dor se desenvolver. Ficou ainda mais

triste. Percebeu que teria que fugir dali, daquela vida, de sua mãe. Talvez aquela fosse a dor que procurara no dia anterior. A ideia de fugir era tão correta que fez os pontos dele se ligarem. Poderia ser isso. Tentou chorar. Não conseguiu. Era uma dor profunda. Pensava no professor de Matemática, no Leo, na Caloura, no cachorro morto, em Picasso. Sentia a dor, mas não conseguia chorar. Precisava, mas não podia. Levantou-se e começou a correr até o ponto do ônibus de volta, enquanto olhava para baixo para não reencontrar a cena anterior. Talvez ele fosse machista, talvez racista; talvez ele fosse ficar sozinho, talvez ele não fosse a pessoa que pensava ser. Sentiu a herança de sua mãe dominar seu interior. Talvez fosse esse o sentimento dela. Era um pouco assustador aquilo. Precisava urgentemente voltar para casa.

Capítulo 3

Joel abriu o portão de casa, observando a janela de seu quarto. Ainda estava fechada. Sua mãe, então, provavelmente ainda não tinha saído da cama. Ela não tinha se arriscado a arrumar seu quarto, coisa que não fazia há 2 meses. Achou isso bom, porque ele poderia organizar tudo do seu jeito. Entrou em casa e percebeu um feixe de luz vindo da cozinha. Estranhou aquilo. Sua mãe estaria cozinhando? Isso ela não fazia há dois anos, tempo produtivo para Joel aprender a fazer frango e bife. Decidiu ir até lá para presenciar a cena. Sem surpresa, percebeu que, na verdade, sua mãe estava sentada na mesa da copa fumando, olhando para o infinito. Aquela cena era uma das que mais o aterrorizava. Aquele olhar, aqueles movimentos lentos das baforadas, aquela sensação de que não

havia esconderijo possível para fugir. Tudo isso transformava qualquer conversa com sua mãe em um ritual de tortura sem sentido. Nada acontecia de bom para ele, apenas a sensação de que não poderia se tornar aquela pessoa. A ideia anterior de fazer qualquer coisa de faculdade voltou com força para seus pensamentos. Isso lhe conferiu força imediata. Precisava agora de pesquisas profundas sobre cidades e universidades. Já tinha ouvido falar que cidades universitárias eram os melhores lugares para se viver com vinte anos. Deu meia volta e iria subir as escadas quando ouviu o chamado.

– Joel, vem aqui. Precisamos falar.

O fosso se abriu instantaneamente no peito de Joel. Ele sentiu que aquela conversa era indispensável, mas como queria dispensá-la! Fechou os olhos e tentou recobrar todas as forças internas até encher sua barra de energia, como em GTA. Precisava ouvir sua mãe. Seu pai tinha ido embora há pouco tempo e era importante que ele recebesse notícias oficiais do que estava acontecendo. Caminhou lentamente até a mesa da copa e sentou na outra extremidade. Notou um olhar familiar em sua mãe, um olhar que só o incomodava e o afogava. Odiava aquele olhar.

– Fala.

– Você já sabe que seu pai foi embora, porque ele deixou aquele bilhete. Não teve a coragem de te esperar. Um tosco.

Aquelas palavras foram o primeiro golpe em Joel. Conhecia essa face agressiva de sua mãe. Era uma ira profunda que antecedia mais um longo período de extrema melancolia. Ao mesmo tempo, não havia pensado que seu pai tinha cometido um erro.

Ele apenas tinha feito o que o próprio Joel faria se tivesse a oportunidade. Sair daquele ambiente tóxico não era nada absurdo. Porém a palavra “tosco” o havia surpreendido. Não raciocinou que de fato uma conversa frente a frente poderia ter acontecido. Tentou se organizar internamente, mas sua mãe emendou:

– Ele está em Araruama, na casa de uns amigos. Além de tudo, eles são cafonas. Fugiu pra Araruama! Meu Deus, que palhaço. Como aguentei?

Dessa pergunta, Joel sabia a resposta. Na verdade, sua mãe não tinha opção. Seus períodos de melancolia extrema tiravam toda opção dela. Era inclusive uma grande injustiça ela se referir ao pai daquele jeito. Ele segurava as pontas quando ela não tinha energia para tomar banho, quando ela não via sentido em nada, quando ela não conseguia sentir o gosto da comida e chorava por causa disso. Foi por esses motivos que ela aguentou. Ela não tinha escolha e era uma tremenda falta de respeito se referir ao pai dele daquele jeito, com aquelas palavras. Era tudo, inclusive, inadmissível. Uma onda de raiva cresceu em Joel. Ele apertou levemente os punhos e trincou os dentes com aquele cinismo.

– Ele me ligou hoje pela manhã. E você vai adorar as novidades daquele cretino, ai como você vai adorar! É um pântano de amor. Que pessoa legal, que cara sensacional... Um excelente ser humano...

Joel odiava muito o aspecto sarcástico de sua mãe. Ele não necessariamente desprezava o sarcasmo. Leo, por exemplo, era muito irônico e isso era adorável no amigo. O problema do sarcasmo de sua mãe era o contraste. Odiava o quanto ela parecia

poderosa, impetuosa e indestrutível nesses momentos, para daqui a duas horas se emaranhar nos lençóis e começar a chorar. Esse desnível entre a potência e a fragilidade o irritava muito, porque Joel via a fragilidade como dominante. Se ela precisava de cuidados, ela não deveria ter o direito àquele tipo de ousadia, de força sobre-humana de desprezo do outro. Era uma afronta que uma pessoa que precisava de cuidados cotidianos fosse capaz de ofensas tão diretas de um jeito tão profundamente irônico.

– Bom. A ótima notícia é que, por ele morar sozinho agora, não vai dar dinheiro para essa casa. Isso mesmo. Seu pai disse que você estuda em colégio público, tem 18 anos e não precisa de nada. Uma beleza, né? Um futuro promissor!

Essa notícia chocou Joel. Ele sabia que não eram ricos, afinal moravam no subúrbio e na parte do subúrbio menos valorizada. Porém, sempre tivera, na média, uma vida confortável. Se não tinha o Playstation 4, tinha o 3. Se não tinha roupas de marcas conhecidas, não se importava com isso, porque tinha o básico, inclusive para variar. Afinal era homem e não precisava também de muito gasto com isso. Sabia que a casa era da mãe, porque seu avô, um imigrante português, havia conseguido a propriedade mais velha, quando vendera seu armazém na esquina da mesma rua. Já não ter que pagar aluguel era uma grande folga para a família, pensava Joel. Sabia ainda que sua mãe tinha conseguido uma aposentadoria de 2 mil reais por invalidez referente ao tempo que trabalhara no Norte Shopping. Isso permitira a ela, nos últimos 8 anos, um consumo às vezes exagerado, porque

não pagava conta alguma em casa. A televisão de 42 polegadas, imensamente desproporcional ao tamanho da sala, era um bom exemplo. O lustre esquisito pendurado e com o preço obscuro era outro. Joel sabia que ela se enrolava com esses gastos, mas seu pai sempre ajudava. A consultoria para firmas de segurança em computadores dava certo conforto nas contas da casa. Seu pai sabia administrar bem o dinheiro.

Joel percebeu também quando a crise chegou. Seu pai cortou o pacote de futebol da TV a cabo, tirou o canal de séries. Quando Joel reclamou, o pai inclusive falou para o filho fazer download dos programas. Entretanto, o símbolo mais claro da crise foi o reaparecimento do bife de fígado nas quentinhas que sua avó paterna mandava para ele comer durante a semana. O ódio que sentia por bife de fígado era indescritível, mas entendeu o costume de comê-lo quando viu o preço no supermercado. O problema é que não esperava essa notícia de sua mãe. Pensou que o pai manteria o básico para os dois e depois ajudaria no estudo em outra cidade. Lembrou-se, então, dos planos de ir embora. Um novo abismo se abriu no peito de Joel. Viu imediatamente seus planos ameaçados. Foi um choque. A raiva aumentou.

– Isso nos coloca, meu filho, em uma situação complicada. Você sabe que eu tenho minha aposentadoria, mas ela está comprometida por vários empréstimos.

– Você é muito irresponsável. – As palavras saíram naturalmente. A forma contundente como falou inclusive o surpreendeu. Mas o ódio estava incontrolável. Não se arrependeu.

– O quê? Você tá maluco, meu filho?! Isso tudo foi dinheiro para casa. Esse conforto que você tem não foi de graça!

– Para de palhaçada, mãe. Você é muito descontrolada com dinheiro. Para de justificar!

– Você me respeite, moleque! Eu sustentei você, assim como o calhorda do seu pai. Essa casa é minha, o computador que você tem fui eu quem deu e boa parte da comida que você comeu até hoje eu comprei! Então me respeite.

– Eu não vou ter essa discussão com você. Você está no meio daqueles surtos de energia e de ironia. Muito agressiva! Muito!

– Meu filho, você poder espernear, subir até o seu quarto, relinchar, fazer o que você quiser. Mas a verdade é que nós estamos sem saída. O dinheiro acabou!

– Relinchar, mãe? Parabéns, hein! Você é a mãe do ano, meu Deus! Fazia uns dois anos que você não me xingava. Estava até com saudade. Vou para o meu quarto para aproveitar esse efeito.

Joel jogou a cadeira para trás, ela caiu e fez um grande estrondo. Subiu resoluto a escada enquanto começou a ouvir soluços atrás dele. Sentiu um estranho prazer nisso. Percebeu que, pelo menos agora, ela voltava ao lugar dela. Tudo retomava sua forma cotidiana. Ele poderia lidar com os próprios problemas da melhor forma. Entrou no seu quarto e se jogou na cama. Olhou para o teto e para as sombras que passavam por ali. Observou a pequena rachadura. Pegou o maço de Marlboro da calça jogada no canto na noite anterior. Lembrou-se do gosto e jogou aquilo de lado. Voltou a observar a rachadura e pensou que tinha que ver o nível de verdade daquela história. Seus planos realmente

seriam destruídos pela falta de grana geral. Resolveu, então, ligar para o pai. Pegou o celular da mesma operadora e discou. Não pagaria nada por aquilo. Tocou durante alguns segundos e o som da voz da caixa postal entrou. Como odiava a voz dessa mulher eletrônica! Deixou o celular ao lado da cama e voltou a deitar. Esperava o retorno logo. O que ele faria agora? A sensação de encaixe já estava indo embora? Como ter um início de faculdade legal se precisaria trabalhar em tempo integral? Teria que escolher alguma matéria de meio período. Lembrou-se do professor de Matemática e sentiu raiva imediata da mãe.

Decidiu parar de pensar um pouco e ligar o videogame. Colocou GTA. Resolveu não entrar em missão nenhuma, nem jogar online. Queria só dar alguns tiros. Sacou sua escopeta no jogo e começou a mirar na cabeça dos personagens. Um a um. Foi uma carnificina. Logo a polícia chegou e ele roubou um carro. Acelerou para uma grande perseguição. Procurou a rodovia e achou. Do carro roubado, começou a atirar nos policiais a sua frente, fazendo a viatura capotar e explodir. Imediatamente uma estrela a mais apareceu no canto superior direito da tela. Um helicóptero surgiu e começou a atirar de cima. Vários carros começaram a imprensar o automóvel de Trevor. Ele capotou. Ainda restava alguma energia. Sacou a bazuca e começou a atirar. Uma bala certa em sua cabeça fez o jogo recomeçar. Aquele exercício era bom para esquecer. Poderia ficar jogando aquilo durante horas, como aconteceu no primeiro dia em que ganhou o videogame. Mas já tinha idade e experiência suficientes para saber que nada disso resolveria o impasse em que estava. Olhou

o celular: 6 horas da tarde e uma ligação perdida. Desbloqueou. Era seu pai. Retornou o retorno. Achou engraçada essa construção. Seu professor de Português o repreenderia severamente. O telefone tocou três vezes e, enfim, seu pai atendeu.

– Meu filho.

– Pai, tudo bem?

– Tudo. Como estão as coisas aí?

– Tudo daquele jeito que você conhece. Por que você não me esperou ontem?

Joel estava mais ansioso do que havia percebido para fazer essa pergunta. Ela saiu também naturalmente. Sentiu um pouco de medo depois de fazê-la. Não sabia de onde vinha esse medo, mas percebeu que ele não era pequeno. Um silêncio de alguns segundos aconteceu. Aquilo deixou a conversa suspensa.

– Ah, meu filho. Você já conhecia a nossa situação. Já tínhamos conversado sobre isso.

– Já, mas seria mais fácil se você tivesse me levado, ou pelo menos ficado para avisar.

– Sim. De fato seria. Mas você está em uma boa escola e está em ano de ENEM. Não quero te atrapalhar. Penso em você também. Se você quiser, ano que vem pode vir para cá.

– Não sei. Antes de falarmos disso, ela disse que você não vai mandar dinheiro nenhum. É verdade?

– Sua mãe disse isso? Olha, meu filho, eu não quero falar mal dela, você sabe disso, sempre evitei comentar as coisas com você, mas isso é uma grande distorção. Ela está meio desequilibrada e com raiva.

Aquela fala acalmou um pouco Joel. Essa hipótese lhe pareceu plausível e correta. De fato, sua mãe estava naqueles picos de agressividade, enquanto seu pai continuava razoável. A conversa com o pai já estava acalmando um pouco Joel, que estava certo de ver o quadro de maneira mais ampla agora, a partir do direcionamento de seu pai.

– Mas então o que você disse a ela?

– Meu filho, eu estou no Rio. Volto pra Araruama à noite. Você não quer me encontrar naquele restaurante do Baixo Méier? Aí podemos conversar direito. Estou até aqui perto.

– Tudo bem. Saio daqui a cinco minutos.

Aquele encontro de imediato deixou Joel mais satisfeito. Entrou no banheiro e tomou um banho bem curto. Colocou uma nova roupa, algo arrumada, caso encontrasse alguém lá. Já estava escuro e Baixo Méier era Baixo Méier. Pegou sua carteira em cima da mesa, as chaves e resolveu correr até o ponto, para conseguir aquela adrenalina de que estava precisando desde a aula de Educação Física pela manhã. O Engenho de Dentro à noite tinha o seu charme. Gostava do amarelo, mas gostava também do silêncio, do saco de pão francês e a coca-cola 2 litros passando nas mãos das pessoas para o lanche noturno. Parou no ponto e observou o alto muro do SESC. Lembrou-se da peça que tinha visto ali com sua família. Uma peça adolescente com trechos constrangedores, mas que tinha parecido a Joel na época um tarde feliz. Lembrou-se de sua mãe com um vestido florido lindo e seu pai de bermuda verde. Recordou que tinha achado aquela peça estranha e que sua mãe havia adorado, uma esquisitice.

Ficou tentando convencê-lo de que aqueles adolescentes eram reais, que pessoas dessa idade ainda acreditavam que a vida fazia sentido. Aqueles comentários de sua mãe, na época, pareceram-lhe ingênuos e lembrou-se de ter ficado irritado com aquilo. Diante do prédio, recordando de tudo, Joel se penitenciou um pouco. Pareceu-lhe um momento de carinho pouco aproveitado, um momento de família, que agora estava desfeita, provavelmente para sempre. Assustou-se com a repentina saudade que sentiu de sua mãe.

O ônibus chegou, ele fez sinal e subiu. Sentou-se em uma janela. Gostava do prédio do posto de saúde que havia ali perto. Os vidros colocados há alguns anos estragaram um pouco a sensação de liberdade que aquele local provocava nele, mas, ainda assim, gostava de observar as mães com seus filhos no colo. A sequência posterior de casas o desagradava um pouco. Como eram casas na beira de uma rua movimentada, havia muitos muros e poucas portas. Não gostava, achava tudo feio. O próprio hospital que vinha logo a seguir lhe parecia uma construção despropositada, grande demais. Os cursos de idiomas que existiam ali na entrada do Méier eram apreciados por Joel. Muitas mulheres bonitas saíam de lá com aquelas calças de ginástica ou legging, que marcavam com uma leve sutileza o quadril redondo. Como aquelas cenas o agradavam! Subitamente lembrou-se da Caloura falando sobre objetificação. Isso o irritou um pouco. Fazia sentido diante dos últimos pensamentos, mas, sem dúvida, aquilo tirava a complexidade de sua subjetividade. Era um insulto ser reduzido a único denominador, que, ainda por cima, era ofensivo: machista. A excitação das cenas

que acabara de ver deram lugar a uma espécie de náusea. Ele se lembrou de como aquela conversa tinha sido estranha, como ela conseguira impressá-lo e, de certa forma, dobrá-lo. Sacudiu a cabeça de vergonha e levantou-se para puxar a corda e descer. Viu as pessoas passando desligadas na rua e deu outro pique para afastar a sensação de que era tolo demais. Estava chegando próximo ao conjunto de restaurantes que havia ali no miolo do Baixo Méier. Era uma zona movimentada durante todo o dia, mas particularmente naquela hora. Buscou algum rosto conhecido, para se sentir mais à vontade. Não encontrou ninguém. Andou até um pequeno espaço que havia na esquina de uma rua no final da série de restaurantes. Procurou pela figura do pai e o reconheceu de camisa social azul. Foi até lá e reparou que suas feições eram mais leves do que há dois dias. Reparou inclusive que ele estava muito mais tranquilo e relaxado do que Joel imaginara. Um forte abraço mútuo aconteceu. Sentou-se na mesa em frente e observou o sorriso.

– E aí, rapaz, como você está?

– Estou bem, pai. Um pouco confuso.

– Imagino. Não deve estar sendo fácil para você. Porém, acho que nós fizemos um bom trabalho e você tem estrutura para aguentar o tranco.

Aquelas palavras incomodaram Joel. Ele estava esperando um pouco mais de compaixão, de carinho, de atenção. Não sentiu o cuidado necessário. A diferença entre a leveza que seu pai exalava e a confusão vivida nos dois últimos dias exasperava Joel. Lembrou-se da noite anterior na Lapa, pensou no

sofrimento que viria. Não era justo que seu pai não passasse por isso. Até mesmo sua mãe pareceu mais coerente.

– É, pai. Acho que vocês fizeram um ótimo trabalho.

– Então, o que eu queria dizer é que tudo está difícil pra mim também. Meu filho, você não faz ideia do que eu passei nesses anos. Nós conversávamos sobre o assunto, mas eu falava só em parte. Foi tudo muito, muito complicado...

– Eu sei, pai.

– O que eu te peço agora, a única coisa que eu te peço é um pouco de compreensão. Eu precisava sair, eu precisava respirar. O ambiente daquela casa ficou demais para mim.

– É, deve ter sido muito difícil mesmo viver naquela casa.

– Você, meu filho, não faz ideia. Se eu te contasse, se eu detalhasse cada coisa, você sairia de lá agora. Mas eu não acho isso legal, meu camarada.

– Então, o que você quer que eu faça?

– Eu já te falei. Agora é hora de você aguentar as pontas. Segura a onda, estuda, passa no ENEM e tem outras coisas aí, mas aí vai ser na maciota...

– Como assim?

– Você sabe que o país está em crise, né? Então, a minha consultoria está bem parada. Além de tudo, eu vou ter que montar outra casa para mim, quer dizer pra gente, né, camarada.

– Em Araruama?

– Isso! Lá. Você já foi lá uma vez. Um paraíso, uma delícia! Estou vendo uma casa de frente para a praia. Você vai ver. Vai inclusive poder levar as gatinhas de biquíni.

- Pai, esse tom está meio inapropriado.
- Desculpa, meu filho. É que às vezes me empolgo com essa nova vida. Então, como eu ia dizendo, a grana agora está curtíssima. Você sabe como eu sou bom para fazer essas previsões.
- Tenho certeza de que é.
- Então, já vi que nos próximos meses as coisas vão ficar complicadas. Não vou poder dar dinheiro para sua mãe. Lembrando, porque as coisas estão apertadas. E ela dizendo que eu não quero enviar dinheiro! Um absurdo.
- Pai...
- Então, camarada, a situação é a seguinte. Sua mãe tem a aposentadoria dela. Isso deve dar para vocês se alimentarem por agora. Lembrando, a situação é crítica. Tem amigos meus ficando sem casa.
- A gente não corre esse risco, lá...
- É verdade, meu filho. Isso me deixa mais tranquilo, você não faz ideia de como eu estou preocupado com a situação de vocês. Mas essa posse me deixa mais tranquilo.
- Mas, se eu precisar de algo além de comer?
- Então, meu camarada! Aí entra a maciota de que eu tinha falado. Já estou arrumando um emprego para você.
- Como assim?
- Que cara é essa, camarada? Você já não tinha me pedido isso?
- Sim, pai. Mas as condições eram outras. Eu quero trabalhar ainda...

– Então! Arrumei, com um camaradaço meu, um lugar sensacional para você. Sabe o aeroporto? Tem três livrarias lá. Elas abrem de madrugada.

– Ótimo...

– Então, arranjei um lugar para você lá, camarada, na madrugada. Quando o horário é menor e o salário é maior. Você vai poder continuar estudando de manhã e o salário é legal. Dá pra você se manter.

– Pai, de madrugada?

– É! Não me olha com essa cara. Aqui do outro lado do Méier tem um ônibus que vai direto para lá, e de madrugada é rápido. Você que adora olhar a cidade vai amar ver tudo vazio.

– É que isso pode atrapalhar meu ENEM...

– Camarada, você é um crânio. Confio totalmente em você.

Aquela conversa parecia surreal a Joel. As falas leves do pai, sua proposta, sua felicidade estampada, tudo era dissonante. A ideia de trabalhar e ter o próprio dinheiro sempre agradou a Joel, mas aquilo parecia demais. O quase cinismo usado pelo pai para falar da segurança alimentar do filho e da mulher, ou ex-mulher, era assombroso. Tudo começou a pesar muito em Joel. Ele não tinha forças para rebater, para contar, por exemplo, seus planos de fazer faculdade em outro lugar, sua ideia de morar em outra cidade. Esse projeto já lhe parecia absurdo agora. Como, ao falar de comer, Joel poderia pensar nisso? Pediu seu macarrão e começou a engolir tudo, cada vez respondendo mais brevemente. A vontade de sair dali foi crescendo de maneira insuportável. Sua realidade e suas perspectivas tinham mudado em poucas